

## DE FANTASMAS, DE ANJOS E DE ROSAS

---

- Está tudo tão confuso... Não sei o que dizer.
- Não digas, cale!
- Não sei por onde começar.
- Experimente começar do começo.
- Teria de voltar no tempo, nem assim tão distante, trazer de volta o que ficou no fundo das almas, esquecido.
- Falas do nosso amor?
- Como poderia? Não há mais amor.
- Entre nós?
- Entre todos.
- Estás significando partidas, tua partida?
- Às vezes afigo a ideia, choram-me, contudo, as entranhas ao pensa-la. Sangram-me.
- Não me queres mais a mim? Te seria, pois, fácil partir?
- Te quero, te hei de sempre querer.
- Fala-me do teu querer, dos desejos que te embalam os sonhos.
- Na verdade, nada desejo além de deixar-me ficar a mirar-te pura e nua de ti mesma, de tuas loucuras, meus encantos.
- Por quê, então, simplesmente não te deixas ficar, sem pensar, sem nada querer além do que queres e desejas?
- Não posso.
- Podes, se queres.
- Não viste, não ouviste o fim dos segredos?
- Entendi?
- Não, se não quiseste entender. As decisões. As oportunidades de acerto têm correspondência nas possibilidades de fracasso; o que disso passar é puro radicalismo com toda a sua carga de impropriedades, um ou uns poucos que decidem pelo instinto e muitos que precisam de guias para por eles ‘pensar’. Para generalizar, chame ao ato das iniciativas uma tomada de consciência, mas, lembre-se, consciência só se forma quando se está pleno de humanidade, que por sua vez a induz de modo permanente. Aí o problema das radicalizações; paga-se um preço pela tomada de consciência e esse preço tem nome e valor, insegurança. Quem tem real poder de decisão decide sozinho ao sabor de toda a insegurança que lhe vai impressa no ânimo, que lhe é característica, ser humano que é, na hipótese de despreparo colossais possibilidades de desacerto e erro total. É preciso muito cuidado com os radicais de todas as nuances. Desconfie sempre daqueles que só aceitam o “sim” como resposta, que apenas recepcionam completo alinhamento com os seus princípios e ideias. Só existe uma verdade, aquela que decorre rigorosamente do fato concreto, sem maquiagem, sem sofismas.
- Não sei, estou confusa. Eu estava em vigília quando soaram as doze badaladas noturnas...
- Ele surgiu, encantador, para roubar-te a alma, não? Te acenou, seduziu-te...
- Aproximei-me, tão só; cheira a morte.
- Aclara-te, vivemos um entardecer, o tempo da noite, longa, angustiante, está em gestação.
- Que faremos, que farás?
- Busco o mínimo da delicadeza com que deve a vida ser vivida; a desordem e o desprezo pela ordem regular das coisas são anti-naturais, tortuosos, anormais. Já temos as cores do caos a nos toldarem o horizonte.
- O meu amor, não tem ele a delicadeza que buscas?
- Mais que isso, purifica-me, me redime da minha humanidade, mas vejo-te distante, uma imagem, como a ordem da qual necessito para alcançar a plena inteligibilidade na pluralidade humana. Você me completa, mas eu só me realizo na ordem das coisas.
- Dê-me o teu sinal e me abandonarei em ti, em quem me quero repousar.
- E o fantasma?
- Anjos de grandes asas brancas ruflaram-nas; são mensageiros meridianos, numa das mãos trazem o raio, na outra as tábuas da lei. O raio, já o atiraram. E quanto a ti?
- Permanecerei. De ti, não farei como Hamlet, não seguirei o fantasma.
- Tens uma boa razão para permaneceres? Se não, serás infeliz.
- Sim, minha alma, não a quero perder.
- E o que é da tua alma?
- Tenho-a nos olhos. Te quero a mim...
- Teu olhar me queima. Enlouqueço. Me quero a ti...
- Te amo.
- Te amo.